



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

CARLA KETHYLLE OLIVEIRA SILVA

**Da Escola Pública à Docência na EPT: Uma Narrativa Autobiográfica sobre  
Políticas de Inclusão e Práticas Pedagógicas.**

Salgueiro

2026



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**CARLA KETHYLLE OLIVEIRA SILVA**

Da Escola Pública à Docência na EPT: Uma Narrativa Autobiográfica sobre Políticas de  
Inclusão e Práticas Pedagógicas.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Sertão Pernambucano, como  
parte dos requisitos para a conclusão do curso  
de Especialização em Docência na Educação  
Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Msc. Paulo Ferrare Ramos

SALGUEIRO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S586 Silva, Carla.

RELATÓRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE: : UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE POLÍTICAS DE INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. / Carla Silva. - Salgueiro, 2026.  
53 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2026.  
Orientação: Prof. Msc. Paulo Ferrare Ramos.

1. Educação Profissional. 2. Letramento digital. 3. EPT. 4. Metodologias. 5. Políticas Públicas. I. Título.

CDD 370.113



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**CARLA KETHYLLE OLIVEIRA SILVA**

**DA ESCOLA PÚBLICA À DOCÊNCIA NA EPT: UMA NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA SOBRE POLÍTICAS DE INCLUSÃO E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS.**

Relatório de Formação apresentado ao curso Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IFSertãoPE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: 30/03/2026. NOTA: 9.5

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. (a) (Orientador(a): Paulo Ferrare Ramos  
Instituição: IFSertãoPE (Instituto Federal do Sertão de Pernambuco)

Prof. (a): Arisio Wingler Alves Junior  
Instituição: IFES (Instituto Federal do Espírito Santo)

Prof. (a): Thalita Roza Fabiano  
Instituição: IFES (Instituto Federal do Espírito Santo)

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa autobiográfica apresentada como requisito para a Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do IFSertãoPE. O objetivo central é analisar a jornada acadêmica e pessoal da autora — uma licenciada em Ciências Biológicas, egressa de escola pública e beneficiada por programas sociais — e relacionar suas vivências com o desenvolvimento de práticas pedagógicas e com o impacto das políticas públicas na sua formação. Motivada a combater a defasagem do ensino público, a autora elaborou um projeto pedagógico que propõe o uso da rede social *Instagram* como ferramenta auxiliadora e interativa para a docência. Essa proposta visa ser um "amortizador das diferenças sociais", promovendo a inclusão digital e intelectual de um público diversificado da EPT e buscando superar a resistência docente em utilizar o ambiente virtual para fins educativos. O relatório utiliza essa trajetória como lente para discutir as contribuições das disciplinas da Especialização. A temática de Práticas Educativas Inclusivas e a análise de estudos sobre a EJA-EPT/PROEJA reforçam a necessidade de aplicar a equidade pedagógica, adaptando metodologias para atender à diversidade do público e combater a inadequação do material didático genérico. A discussão sobre Cultura Digital valida a abordagem da autora ao defender o letramento digital como meio de desenvolvimento do senso crítico. Por fim, o eixo Formação Humana Integral *versus* Pragmatismo fornece o arcabouço político para que a autora posicione sua prática docente em favor da emancipação dos trabalhadores, e não apenas da subordinação aos interesses do mercado. Em síntese, o relatório articula a experiência pessoal com a urgência de uma prática docente na EPT que seja inclusiva, crítica e adaptada às tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Educação Profissional; Letramento digital; EPT; Metodologias; Políticas Públicas.

## **ABSTRACT**

The final course paper is an autobiographical research presented as a requirement for the Specialization in Teaching in Professional and Technological Education (EPT) at IF Sertão PE. The central objective is to analyze the author's academic and personal journey—a graduate in Biological Sciences, from a public school, and a beneficiary of social programs—and to relate her experiences to the development of pedagogical practices and the impact of public policies on her training. Motivated to combat the deficiency in public education, the author developed a pedagogical project that proposes the use of the social network Instagram as an auxiliary and interactive tool for teaching. This proposal aims to be a "social difference absorber," promoting the digital and intellectual inclusion of a diversified EPT public and seeking to overcome the teaching staff's resistance to using the virtual environment for educational purposes. The report uses this trajectory as a lens to discuss the contributions of the Specialization disciplines. The theme of Inclusive Educational Practices and the analysis of studies on EJA-EPT/PROEJA reinforce the need to apply pedagogical equity, adapting methodologies to meet the public's diversity and combat the inadequacy of generic didactic material. The discussion on Digital Culture validates the author's approach by defending digital literacy as a means for developing critical thinking. Finally, the axis of Comprehensive Human Education versus Pragmatism provides the political framework for the author to position her teaching practice in favor of the emancipation of workers, and not merely the subordination to market interests. In synthesis, the report articulates personal experience with the urgency of an EPT teaching practice that is inclusive, critical, and adapted to digital technologies.

Digital literacy; EPT; Methodologies.

**Keywords:** Vocational Education; Digital Literacy; EPT; Methodologies; Public Policies.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>3</b>
2.1 Objetivo geral	3
2.2 Objetivos específicos	3
<b>3. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>4</b>
3.1 Narrativas do processo formativo.....	5
3.2 Experiências e vivências na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)	7
3.3 Reflexões sobre a formação acadêmica no curso.....	7
3.3.1 Práticas educativas inclusivas na EPT: teorias e didáticas.....	7
3.3.2 Práticas educativas na EJA-EPT: teorias e didáticas.....	13
3.3.3 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica .....	20
3.3.4 Formação humana integral versus Pragmatismo .....	26
3.3.5 Estratégias e práticas educativas voltadas para garantir o direito à permanência estudantil .....	27
3.3.6 Saberes necessários à Docência na EPT .....	30
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>

<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>43</b>
<b>Apêndice A – Afinidade com a disciplina Ecologia</b>	<b>43</b>
<b>Apêndice B – Estágio em uma instituição de Ensino Médio Integrado com o Ensino Técnico e Profissionalizante</b>	<b>44</b>
<b>Apêndice C – Elaboração e apresentação do TCC da graduação.</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado se trata de uma pesquisa autobiográfica que parte da jornada acadêmica e profissional e a importância da mesma para a formação como docente em EPT (Educação Profissional e Tecnológica). O mesmo foi solicitado como atividade conclusiva do curso de Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IFSertãoPE (Instituto Federal do Sertão de Pernambuco). Tem como objetivos principais avaliar como as tecnologias educacionais moldaram e influenciaram minha trajetória e minha prática profissional, além de investigar e detalhar o impacto das políticas públicas de EPT no meu desenvolvimento acadêmico ao longo do curso.

A autora em questão, é uma graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia – Campus II, 28 anos e moradora do interior da Bahia, na cidade de Aramari que possui cerca de 10.000 habitantes de acordo o censo do IBGE de 2024 (“Aramari (BA) | Cidades e Estados | IBGE”, 2024).

Durante a graduação, fui subsidiada por diversos programas de assistência financeira em diversas modalidades. A priori, meu ingresso em uma universidade pública foi através de cota para estudantes negros, de baixa renda e escola pública, posteriormente, fui contemplada com o Mais Futuro que é “um programa de assistência estudantil, criado pelo Governo do Estado, para garantir a permanência de estudantes universitários que se encontrem em condições de vulnerabilidade socioeconômica e estejam regularmente matriculados nas Universidades Públicas Estaduais (UNEB, UEFS, UESC e UESB).” (“Mais Futuro | SEC - Secretaria de Educação”, 2015).

Com base na minha trajetória acadêmica e pessoal, em que fui uma estudante de escola pública durante todo meu Ensino Fundamental II e Ensino Médio, busquei durante o curso da minha graduação e trabalho de conclusão de curso, criar metodologias que aproximassem esses estudantes que assim como eu, tinham um ensino público defasado em sala de aula por conta das diversas problemáticas das escolas públicas no Brasil, e que precisavam de outras ferramentas para fomentar o interesse pela Educação.

No decorrer do estágio obrigatório no Ensino Médio, lecionei em uma escola da rede pública de Ensino Técnico, então além das práticas já executadas no Ensino Fundamental II, como atividade de fixação, sempre levava uma situação problema sobre o tema abordado para que os alunos buscassem meios de resolução com base no que foi visto em aula.

Tendo isso em mente (inserção no cotidiano do discente), elaborei meu Trabalho de Conclusão de Curso, em que buscava guiar o docente sobre como utilizar a rede social em questão, Instagram como ferramenta auxiliadora e interativa do trabalho feito em sala de aula pelo professor, visando complementar o que foi feito dentro do ambiente escolar. Inicialmente, o trabalho buscava apenas propor metodologias de ensino de Ciências utilizando a rede social em questão, porém no momento em que abordei os docentes propondo a utilização do material para avaliação da sua aplicabilidade, percebi a recusa e receio dos docentes em adentrar o ambiente virtual, muitos nem possuíam conta aberta na rede social utilizada, então elaborei o passo a passo de como manusear a ferramenta, desde a abertura da conta, até a realização de uma live utilizando os recursos da rede social com uma perspectiva educativa.

Ao longo da minha pós-graduação em Gestão da Educação Inclusiva na Era do Acesso Digital, ressaltai as vantagens da acessibilidade que o Instagram possui. Na pós-graduação atual (Docência no Ensino Técnico e Profissionalizante) me deparei com diversas realidades e contextos dos discentes da EPT, por ser um público mais diversificado com diferentes histórias pregressas, pude visualizar tal ferramenta desenvolvida como um amortizador das diferenças sociais de cada indivíduo, já que todos terão acesso ao mesmo material didático como guia para se inserir no contexto digital, não estando mais excluído desse ambiente tão essencial nos dias atuais.

De acordo com Daniele Pechi:

“Cada vez mais cedo, as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos e essa é uma realidade imutável. Mais do que entreter, as redes podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas.” (Pechi, 2011).

Essa problemática é bastante semelhante à encontrada na educação como um todo, incluindo a EPT, que engloba estudantes de diversas realidades e por muitas vezes estudantes que já estão inseridos no mercado de trabalho e práticas educativas comuns já não são mais eficientes, requerendo assim, a utilização de novas metodologias, se fazendo necessária, uma adaptabilidade por parte dos docentes e compreensão do seu público alvo. Surge então a pesquisa proposta, que tem como objetivo sugerir uma nova metodologia baseada em um aplicativo de rede social, a ser utilizada como ferramenta pedagógica, por docentes e discentes.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

- Elaborar pesquisa autobiográfica sobre a minha jornada acadêmica e pessoal, relacionando minhas vivências com os trabalhos elaborados na graduação e pós-graduações e com as políticas públicas e as contribuições do curso de Docência em EPT para a minha formação e prática docente.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Analisar as contribuições das políticas públicas na minha trajetória acadêmica;
- Discutir sobre a inclusão na EPT relacionando com experiências profissionais;
- Identificar a contribuição das disciplinas do curso de Especialização em Docência EPT na minha formação.
- Descrever minha trajetória de formação e profissional no contexto da EPT;
- Identificar experiências que influenciaram a minha prática pedagógica;
- Refletir sobre as experiências, desafios e aprendizagens da minha trajetória;
- Rememorar memórias dos caminhos que me encaminharam para a EPT;
- Relacionar minha experiência pessoal com a literatura sobre inclusão e

diversidade na EPT;

- Analisar a influência das políticas públicas e programas que influenciaram na minha formação;
- Descrever experiências da utilização de tecnologias na prática docente e na minha formação;
- Fazer relação com a minha história de vida com teorias sobre o currículo e inovação pedagógica;
- Apontar limitações na utilização de tecnologias e inclusão na EPT;
- Analisar a contribuição de disciplinas estudadas no curso para a minha formação;

### **3. DESENVOLVIMENTO**

A pesquisa educacional revela e destaca os parâmetros para as mudanças que se manifestam no indivíduo estudado, no contexto em que ele se insere, e até mesmo na pessoa do próprio pesquisador. Compreendendo que o fazer pesquisa “não é um ato solitário e individual” e sim “[...] antes de tudo um ato responsável”, eis aqui a importância da pesquisa (auto)biográfica para o campo da Educação (FREITAS, 2007, p.12).

A pesquisa (auto)biográfica funciona como uma abordagem qualitativa, utilizando as narrativas de vida de indivíduos ou grupos. Ela busca compreender como essas pessoas interpretam o mundo, o que sentem, como percebem a realidade e de que forma interagem com seu meio social. No campo educacional, a pesquisa auto (biográfica) tem sido instrumento de intervenção na prática e na formação de professores, conferindo-lhes a possibilidade de descrever e compreender o seu meio e os elementos que o movimentam. (PASSEGGI, SOUZA E VICENTINI, 2011). Para Sasseron e Carvalho (2003, p. 287) “O laço indissociável entre a experiência e a sua (re)elaboração na condição narrativa – enquanto abertura para revivificar e ao mesmo tempo recriar o vivido – é central para a análise de relatos autobiográficos.” Enfatizando a importância da formação docente continuada, Cunha aborda que:

“A formação continuada de docentes é compreendida como a constância na

atualização de conhecimentos, processos de formação ou qualquer ação didático-pedagógica para além de sua formação acadêmica/titulação, que venha a agregar valores e contribuições ao profissional docente, tal como, êxitos de aprendizagem em sua prática.” (Cunha, 2022, p. 2).

### 3.1 Narrativas do processo formativo

Minha jornada na Licenciatura em Ciências Biológicas pela UNEB Campus II foi um período de intenso crescimento, mas também de superação de grandes desafios. A permanência e a adaptação ao sistema de ensino superior se mostraram difíceis, especialmente devido à rigidez do sistema de avaliação universitário e à alta densidade das demandas curriculares. Exigiu-se não apenas o domínio de um vasto conteúdo científico, mas também a habilidade de lidar com a inconstância e a imprevisibilidade impostas pelas frequentes greves e, posteriormente, pela pandemia de COVID-19, que causou uma mudança drástica no modelo de ensino e exigiu resiliência para manter o foco e o aprendizado em meio ao caos. Porém, tais experiências, principalmente a vivenciada durante as aulas na quarentena e aulas ministradas através de plataformas virtuais, possibilitou evidenciar uma ruptura e não adaptabilidade das metodologias já praticadas em sala de aula, quando transpostas para plataforma EAD (Ensino à Distância), se baseando geralmente em atividades avaliativas recicladas das avaliações presenciais e seminários.

Outro momento que foi essencial durante a graduação para construir o que viria a ser o trabalho de conclusão de curso, foi durante a disciplina Práticas Pedagógicas II, em que foi solicitado a construção de uma atividade que utilizasse as redes sociais com o tema de escolha do discente. A partir disso, criei uma conta no *Instagram* somente para a realização do trabalho. A metodologia se baseava em postar uma imagem simbólica com preservativos disponibilizados pelos SUS (Sistema Único da Saúde) solicitando que os usuários que a visualizassem marcassem outros usuários e compartilhassem com os mesmos. Ao final do tempo determinado transcorrido, foi “revelado” o objetivo da atividade. As contas que visualizaram a imagem, representa relações sexuais e os compartilhamentos, as relações sexuais sem preservativo em que houve transmissão de IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis), e as contas na rede social que visualizaram e não compartilharam, representam relações com uso de preservativo.

Curiosamente, minhas afinidades disciplinares apontavam para uma vocação bem definida: as matérias que mais me cativavam eram as voltadas à Pedagogia e à Ecologia. A Pedagogia me forneceu as ferramentas essenciais para entender como o conhecimento é construído e transmitido, enquanto a Ecologia, com sua visão sistêmica e de interconexão da vida, ressoava profundamente com meu interesse em temas ambientais (Apêndice A). Em contrapartida, as disciplinas mais específicas do curso de Ciências Biológicas (como Fisiologia, Genética e Bioquímica) geravam menor entusiasmo, talvez pela dificuldade em vislumbrar sua aplicação direta e sua relevância social sem o filtro pedagógico e contextual da Ecologia.

Este descompasso encontrou um ponto de equilíbrio no estágio obrigatório, realizado no ensino médio em uma unidade de ensino tecnológico integrado (Apêndice B). A experiência de atuar em um curso de Meio Ambiente foi fundamental. Lá, pude perceber claramente as mudanças na grade curricular voltada às especificidades do curso tecnológico, onde o conteúdo biológico era instrumentalizado para a formação profissional. Foi uma oportunidade inestimável de aprimorar minhas práticas pedagógicas e de contextualizar o ensino da Biologia em um tema com o qual tenho grande afinidade, a Ecologia, demonstrando a utilidade prática do conhecimento científico para a atuação técnica.

Posteriormente, através da experiência no estágio obrigatório em um ensino técnico, conciliado com o vivenciado durante a graduação em que as demandas pessoais e até educacionais dispersavam o meu entusiasmo por certas disciplinas, busquei desenvolver um projeto que retomasse esse engajamento.

Visando o enfrentamento à evasão escolar, buscando metodologias que aliem inclusão social, digital e intelectual tanto por parte dos docentes e conseqüentemente, dos discentes, de diversas faixas etárias, elaborei um trabalho que viabilizasse a utilização da rede social Instagram como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada por docentes e discentes na rede básica de ensino (Apêndice C). Tal proposta, se funde com o ensino na EPT pois, devido a multiplicidade de idades do público alvo da EPT, é fundamental propiciar avanços tecnológicos na era digital que possibilitem a implementação de futuras políticas públicas não se restringindo a determinado tipo de

ensino, podendo ser utilizado por todos, desde o Ensino Fundamental I à graduação. De acordo Silva (2023), “O professor que conseguir se adaptar a essa nova forma de conhecimento, terá mais uma opção em suas práticas pedagógicas, sendo a mais viável das redes sociais, o Instagram.”

### **3.2 Experiências e vivências na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)**

Pregresso à inserção na universidade, realizei dois cursos com objetivo de aprimoramento para o mercado de trabalho, um, como Assistente Administrativo no SENAI (esse que na época em que ocorreu, facilmente foi aliado à minha rotina, pois no momento cursava apenas o Ensino Médio formal e as disciplinas eram de fácil compreensão desde que se atentasse ao ministrado em sala de aula), outro, como Técnico em Segurança do Trabalho, que durante boa parte também foi fácil conciliação, pois na época estudava apenas para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), porém quando adentrei a universidade quando do curso técnico faltava apenas a realização do estágio, a conciliação se tornou mais dificultosa, já que por si só, a universidade já demandava boa parte do meu tempo. Resultou então, que não pude me dedicar de forma exitosa á nenhum dos dois, sendo reprovada em metade das matérias do primeiro semestre da graduação, o que resultou em um atraso para a conclusão do curso, e o estágio do curso técnico que deveria durar 3 meses, acabou durando o dobro devido as faltas frequentes. Ambas as experiências me despertaram para a busca de outros métodos avaliativos e formas de ensino que não fossem as ultrapassadas em que o professor apenas realiza uma aula expositiva e aplica algum método avaliativo escrito que são chamados popularmente de prova e teste.

### **3.3 Reflexões sobre a formação acadêmica no curso**

Durante a minha formação na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica, as disciplinas que mais marcaram e/ou que contribuíram para minha trajetória acadêmica e/ou profissional foram as seguintes:

#### **3.3.1 Práticas educativas inclusivas na EPT: teorias e didáticas**

A disciplina sustenta que o princípio da igualdade não deve ser interpretado como a uniformidade de todos os indivíduos. Ela argumenta que a compreensão da

diversidade humana é essencial para a vida em sociedade e que a diferença não pode ser traduzida em desigualdade ou preconceito.

Para que a igualdade seja efetivamente alcançada, a disciplina aponta a necessidade de se desenvolver uma consciência sobre a diversidade, integrando os conceitos de alteridade (o reconhecimento do outro) e equidade (justiça no tratamento das singularidades).

O texto identifica um grande desafio, especialmente no ambiente escolar: a transformação das estruturas que dificultam a visão do diferente como não ameaçador. A reflexão proposta pela disciplina não se restringe a políticas afirmativas ou grupos específicos, mas abarca todos os sujeitos em situação de vulnerabilidade. O propósito central é fomentar um debate que vincule diversidade à alteridade e equidade, buscando uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) inclusiva e omnilateral para todos os educandos. A disciplina, portanto, estabelece a necessidade de aprofundar esses conceitos para revelar a verdadeira essência da igualdade em um mundo plural.

A temática central desta disciplina, que abrange os conceitos de Igualdade, Diversidade, Alteridade e Equidade, está umbilicalmente ligada à minha formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), pois ela molda o meu papel como futuro profissional da área, tanto em termos pedagógicos quanto éticos.

Em primeiro lugar, minha atuação na EPT visa, em grande parte, à inserção dos estudantes que também estão presentes no mundo do trabalho. O mercado é hoje um espaço de intensa diversidade (cultural, étnica, de gênero, de deficiência), e preciso estar preparado para formar profissionais que não só convivam, mas que valorizem essa pluralidade. A disciplina me fornece as ferramentas conceituais para guiar meus alunos a transformarem a diversidade em um fator de inovação e cooperação, superando a visão de que a diferença é um obstáculo.

Em segundo lugar, a EPT é um campo de atuação estratégica para a inclusão social.

Ao lidar com perfis variados, muitos em situação de vulnerabilidade, meu foco não pode ser apenas a igualdade de acesso. Preciso aplicar a equidade, o que significa ser capaz de adaptar as metodologias e os currículos para atender às necessidades específicas de cada estudante, garantindo que suas singularidades não se convertam em desigualdades na aprendizagem ou no desenvolvimento profissional.

Finalmente, a disciplina sustenta a minha missão de promover uma formação humana integral (omnilateral). O texto me lembra que devo ir além da transmissão de conteúdo técnico. Preciso fomentar a Alteridade nos meus estudantes, ensinando-os a reconhecer a dignidade do outro e a estabelecer relações éticas. Minha responsabilidade é atuar como um agente que transforma as estruturas internas e externas da EPT, assegurando que ela seja um espaço privilegiado que combate ativamente o preconceito e a exclusão, e que prepara cidadãos éticos e competentes para um mundo plural. Assim, esta disciplina me capacita a concretizar o compromisso social da EPT.

Ao mergulhar nos conceitos de Igualdade, Diversidade, Alteridade e Equidade trabalhados na disciplina Práticas Educativas Inclusivas na EPT, sou constantemente desafiada a traduzir essas abstrações em gestos concretos dentro da minha futura sala de aula de Biologia. Não se trata apenas de compreender teoricamente que a diversidade humana é essencial para a vida em sociedade, mas de responder a uma pergunta incômoda e necessária: como esse arcabouço conceitual, articulado às contribuições de teóricos fundamentais da Educação Profissional e Tecnológica, me ajuda a resolver problemas reais que enfrentarei como docente na EPT?

Para isso, recorro a três autores cujas reflexões são indispensáveis para pensar a EPT em uma perspectiva crítica e transformadora: Dermeval Saviani, Dante Henrique Moura e Gaudêncio Frigotto. Saviani (2025), ao discutir os fundamentos ontológicos e históricos do trabalho educativo, nos lembra que "o trabalho é o princípio educativo na medida em que determina, pelo grau de desenvolvimento social, o modo de ser da educação em cada época". Moura (2013), por sua vez, problematiza a dualidade estrutural da educação brasileira, apontando o "ensino médio integrado como subsunção aos

interesses do capital ou travessia para a formação humana integral". Frigotto (2017) complementa essa análise ao denunciar que, historicamente, "a educação profissional no Brasil subordinou a formação dos trabalhadores aos interesses do mercado, em uma perspectiva meramente adaptativa". É a partir desse solo teórico que busco pensar minha prática pedagógica.

O primeiro problema que vislumbro é o da inadequação do material didático para um público heterogêneo. A disciplina me alerta que a igualdade não significa uniformidade, ou seja, oferecer o mesmo livro, a mesma imagem, o mesmo exemplo para todos os estudantes não é sinônimo de justiça. Em uma turma de Biologia na EPT, terei alunos com trajetórias radicalmente distintas: jovens que acabaram de sair do ensino regular, trabalhadores que retornaram à sala de aula após anos afastados, pessoas com deficiência, estudantes de diferentes origens étnicas e territoriais. O material didático genérico, frequentemente pensado para um "aluno padrão" que não existe, simplesmente não funciona para essa multiplicidade.

Aplicando o conceito de equidade e justiça no tratamento das singularidades, posso resolver esse problema adaptando meus exemplos e atividades biológicas à realidade concreta daqueles corpos que ocupam a sala. Ao ensinar anatomia humana, por exemplo, não posso me limitar a imagens padronizadas de corpos idealizados. Preciso trazer representações diversas de corpos: gordos, magros, com deficiência, negros, brancos, idosos, jovens. Ao discutir genética, não posso reproduzir o discurso biologizante que essencializa diferenças étnicas e raciais, mas sim desconstruir, com base científica, as falácias do racismo biológico. A equidade me obriga a perguntar: como este conteúdo chega a cada um dos meus alunos? O que preciso adaptar para que ninguém fique pelo caminho?

O segundo problema é a invisibilidade de certos sujeitos nos conteúdos tradicionalmente ensinados. A disciplina me convoca a desenvolver uma consciência sobre a diversidade, integrando o conceito de alteridade e o reconhecimento do outro. Na prática, isso significa que minha aula de Biologia não pode reproduzir um currículo eurocêntrico, androcêntrico e capacitista. Preciso, conscientemente, incluir cientistas

negras, pesquisadores com deficiência, saberes tradicionais de comunidades indígenas e quilombolas sobre o meio ambiente.

Ao abordar ecologia, por exemplo, posso trazer o conhecimento de comunidades tradicionais sobre conservação da biodiversidade, mostrando que a ciência não se faz apenas nos laboratórios das universidades europeias, mas também nos territórios periféricos, nos corpos e nas práticas daqueles que historicamente tiveram seus saberes negados. A alteridade, aqui, não é apenas um gesto de inclusão benevolente, mas um ato político de reconhecimento de que o conhecimento é plural e que a ciência biológica foi construída também às custas da invisibilização de outros saberes. É exatamente essa a perspectiva que Frigotto defende quando propõe uma educação que supere a mera adaptação ao mercado e forme sujeitos críticos capazes de compreender e transformar a realidade.

O terceiro problema, talvez o mais desafiador, é o da mediação de conflitos e preconceitos que inevitavelmente emergirão em sala de aula. A disciplina aponta que o grande desafio no ambiente escolar é a transformação das estruturas que dificultam a visão do diferente como não ameaçador. Em uma turma de EPT, onde convivem estudantes de diferentes gerações, classes sociais e visões de mundo, é provável que eu me depare com falas preconceituosas, piadas racistas ou comentários excludentes.

Como futura professora de Biologia, os conceitos de diversidade e alteridade me fornecem ferramentas para intervir pedagogicamente nessas situações. Não se trata apenas de reprimir a fala inadequada, mas de transformá-la em momento formativo. Ao ouvir um comentário capacitista sobre um colega com deficiência, posso trazer dados científicos sobre a diversidade corporal e neurológica, discutir o modelo social da deficiência e mostrar como a ciência biológica, quando mal interpretada, pode servir para justificar hierarquizações e exclusões. A Biologia, nesse contexto, deixa de ser apenas um conteúdo técnico e se torna uma ferramenta de desconstrução de preconceitos.

Outro problema prático que vislumbro é a dificuldade de engajamento de estudantes

trabalhadores que chegam à sala de aula exaustos após uma jornada de trabalho. A disciplina, ao defender uma formação humana integral (omnilateral), me lembra que meu papel não é apenas transmitir conteúdos biológicos para o exercício profissional, mas formar sujeitos em sua totalidade. Isso significa que preciso considerar o cansaço, as condições materiais e as múltiplas jornadas dos meus alunos ao planejar minhas aulas. Moura (2013) nos alerta, nesse sentido, que a formação integrada não pode ser uma simples justaposição entre ensino médio e profissional, mas deve constituir-se como "uma travessia para a formação humana integral" que supere a dualidade entre formação propedêutica e formação técnica.

Na prática, posso adotar metodologias que partam das experiências concretas desses trabalhadores. Ao ensinar microbiologia, por exemplo, posso discutir as condições de trabalho em frigoríficos ou em ambientes hospitalares, relacionando o conteúdo científico com a saúde do trabalhador. Ao abordar toxicologia, posso problematizar a exposição a agrotóxicos enfrentada por trabalhadores rurais da turma. Dessa forma, o conhecimento biológico não é um conteúdo abstrato a ser memorizado, mas uma ferramenta de compreensão e transformação da própria realidade vivida. Saviani nos ampara nessa perspectiva ao afirmar que o trabalho, como princípio educativo, "determina o modo de ser da educação em cada época", ou seja, a educação deve partir do trabalho concreto dos sujeitos para construir conhecimento significativo.

A disciplina também me ajuda a resolver o problema da avaliação. Se compreendo que meus alunos são diversos, não posso avaliá-los de forma padronizada, reproduzindo a lógica classificatória e excludente do modelo tradicional de provas. Preciso construir instrumentos avaliativos que considerem as diferentes trajetórias, tempos e formas de aprender. Um estudante trabalhador que chega exausto pode não ter o mesmo rendimento em uma prova escrita no final do dia que um jovem que se dedica exclusivamente aos estudos. A equidade me obriga a diversificar os instrumentos: permitir trabalhos práticos, avaliações orais, projetos que dialoguem com o mundo do trabalho, portfólios que acompanhem o processo de aprendizagem.

Por fim, a disciplina me convoca a olhar para mim mesma como parte desse processo.

A transformação das estruturas que dificultam a visão do diferente como não ameaçador começa em mim. Preciso constantemente me perguntar: quais são meus próprios preconceitos? Que imagens e exemplos reproduzo automaticamente? Que corpos e histórias invisibilizo em minha prática? A alteridade não é apenas um conceito a ser ensinado, mas uma postura a ser vivida. E é nesse ponto que a contribuição de Frigotto (2017) se torna fundamental, ao nos lembrar que a EPT está no centro de um conflito ideológico entre "subordinar a formação aos interesses do mercado" ou buscar "a emancipação da classe trabalhadora". Minha escolha, como futura docente, precisa ser consciente e intencional.

Em suma, os conceitos trabalhados em Práticas Educativas Inclusivas, articulados às reflexões de Saviani (2025), Moura (2013) e Frigotto (2017), não são complementos opcionais à minha formação em Biologia, mas o próprio coração da minha prática pedagógica na EPT. Eles me ajudam a transformar problemas aparentemente insolúveis como a inadequação curricular, invisibilidade de sujeitos, preconceitos em sala de aula, cansaço dos trabalhadores, em desafios pedagógicos que podem ser enfrentados com criatividade, rigor científico e compromisso ético. Mais do que ensinar Biologia, serei convocada a formar cidadãos capazes de reconhecer a dignidade do outro, de valorizar a diversidade como potência e de atuar no mundo do trabalho de forma ética e transformadora. E é exatamente isso que a Educação Profissional e Tecnológica, em seu sentido mais profundo, como defende Moura, como uma "travessia para a formação humana integral" deve buscar.

### **3.3.2 Práticas educativas na EJA-EPT: teorias e didáticas**

O PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) tem o objetivo de oferecer uma formação integral, articulando a educação básica com a profissional para um público específico: jovens e adultos, majoritariamente da classe trabalhadora, que tiveram a escolarização negada ou interrompida. De acordo com o blog do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) o PROEJA tem como objetivo "atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional, da qual em geral são excluídos justamente por não possuírem o ensino fundamental e/ou médio." (Proeja: [...], 2022).

Vale ressaltar o artigo “Material didático utilizado na Educação Profissional de Jovens e Adultos: Uma revisão sistemática da literatura” trabalhado durante a disciplina.

## **Metodologia**

O estudo utilizou a técnica de Revisão Sistemática da Literatura (RSL), realizando buscas em bases de dados (Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e Scielo) com um recorte temporal de 2008 a 2021. Foram utilizadas strings de busca que incluíam termos como PROEJA, Material Didático e disciplinas técnicas (Edificações). O foco foi em artigos completos ou resumos publicados em periódicos científicos ou anais de eventos.

## **Principais Resultados e Conclusões**

1. Lacuna na Produção: Dos 184 resultados iniciais, apenas dez se encaixaram nos critérios rigorosos da RSL. Após leitura integral, quatro foram excluídos por não tratarem especificamente do tema de interesse, restando um número muito pequeno de estudos relevantes.
2. Inadequação do Material: Os poucos trabalhos encontrados que abordavam o material didático afirmam, em sua maioria, que os recursos utilizados no PROEJA são inadequados e frequentemente são os mesmos destinados aos adolescentes do ensino regular.
3. Foco nos Processos: A maioria dos estudos analisados (80%) estava mais voltada para a proposta curricular e a formação docente do que para o material em si.
4. Ausência da Voz do Aluno/Professor: A principal lacuna identificada pelos autores é que nenhum dos trabalhos selecionados incluiu a avaliação dos alunos ou professores sobre o material didático utilizado em sala de aula.
5. Desarticulação Curricular: Os estudos sugerem que, embora a proposta do PROEJA seja a integração e a formação integral, muitas instituições ainda praticam uma formação desconectada de um currículo integrado.

**Conclusão:** O trabalho conclui que é urgente desenvolver estratégias e materiais didáticos específicos que considerem as experiências e as necessidades do público

da EJA, consolidando o PROEJA como uma política de emancipação e educação omnilateral, e não como algo meramente compensatório. Contudo, a pesquisa demonstrou que o debate acadêmico sobre a adequação e avaliação desses recursos ainda é incipiente.

A relação entre este artigo de revisão sistemática e minha formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é de fundamental importância, pois ele me oferece um diagnóstico crítico direto sobre os desafios da modalidade PROEJA. O texto reforça que o cerne da EPT é a formação integral (omnilateral), o que implica que minha atuação não pode se resumir à transmissão de habilidades técnicas. Minha função será garantir que as disciplinas profissionais e as de formação geral estejam articuladas e integradas, superando a "formação desconectada" que o artigo aponta como uma falha persistente nas instituições.

O principal aprendizado que extraio é a urgência da equidade pedagógica. O público do PROEJA é composto por adultos trabalhadores, com experiências de vida ricas e aspirações específicas, e o artigo critica a prática comum de usar material didático genérico, feito para adolescentes. Isso me prepara para ser um profissional que pratica a crítica e a adaptação curricular, exigindo que eu avalie constantemente os recursos disponíveis e, se necessário, participe ativamente da produção de material didático específico. Este material precisa reconhecer e incorporar a bagagem do aluno, transformando sua experiência de trabalho em conteúdo significativo, o que é essencial para que o aprendizado no PROEJA seja um fator de emancipação e não apenas compensatório.

Além disso, o artigo me inspira a ser um pesquisador-em-ação, pois ele aponta a lacuna crucial da falta de estudos que tragam a avaliação dos alunos e professores sobre o material. Isso sugere que, na minha prática, eu devo implementar mecanismos contínuos de *feedback* e pesquisa interna. Assim, transformo a sala de aula da EPT em um laboratório para aprimorar as práticas didáticas, garantindo que a Educação Profissional seja, de fato, um motor de inclusão e desenvolvimento humano para todos os jovens e adultos que buscam qualificação.

Ao me debruçar sobre o artigo "Material didático utilizado na Educação Profissional de Jovens e Adultos: Uma revisão sistemática da literatura" e sobre os fundamentos do PROEJA, sou convocada a pensar como essa discussão específica pode me ajudar a resolver problemas concretos que enfrentarei em minha futura sala de aula de Biologia na Educação Profissional e Tecnológica. O diagnóstico oferecido pelo estudo (a inadequação dos materiais didáticos, a ausência da voz dos alunos e professores, a desarticulação curricular) não é apenas uma constatação acadêmica distante, mas um retrato antecipado dos desafios que encontrarei ao trabalhar com jovens e adultos trabalhadores que retornam à escola após trajetórias marcadas pela exclusão.

O primeiro problema que essa discussão me ajuda a enfrentar é o da inadequação dos materiais didáticos para o público da EJA (Educação de Jovens e Adultos). O artigo revela que os recursos utilizados no PROEJA são, em sua maioria, os mesmos destinados aos adolescentes do ensino regular, ignorando completamente as especificidades de quem já possui uma trajetória de vida e trabalho. Em uma aula de Biologia, isso se traduziria, por exemplo, em utilizar exemplos e linguagens que não dialogam com a realidade concreta desses estudantes. Ao ensinar conceitos de anatomia e fisiologia humana, não posso recorrer apenas a imagens idealizadas ou a exemplos que pressupõem um corpo jovem e saudável. Preciso considerar que meus alunos podem ser trabalhadores que sofrem com dores crônicas, com problemas de visão decorrentes de anos de labor, com desgastes físicos típicos de quem exerce atividades braçais. O material didático precisa partir dessas vivências para, então, construir o conhecimento científico.

Aplicando a noção de equidade pedagógica que atravessa a disciplina, compreendo que oferecer o mesmo material para todos não é garantia de justiça. Pelo contrário: é uma forma de perpetuar desigualdades. O estudante adolescente, com tempo integral para se dedicar aos estudos e com um repertório escolar recente, pode até se adaptar a um material genérico. Mas o trabalhador que chega exausto à sala de aula, que ficou anos afastado dos bancos escolares, que muitas vezes tem dificuldades de leitura e escrita consolidadas, precisa de um material que dialogue com sua realidade, que

respeite seu tempo de aprendizagem e que parta de suas experiências para construir novos conhecimentos. É exatamente isso que o artigo aponta como urgente: desenvolver estratégias e materiais específicos que considerem as experiências e necessidades do público da EJA.

O segundo problema que essa discussão me ajuda a enfrentar é a desarticulação entre formação geral e formação técnica. O artigo denuncia que, embora a proposta do PROEJA seja a integração e a formação integral, muitas instituições ainda praticam uma formação desconectada. Como professora de Biologia em um curso técnico, preciso estar atenta para que minha disciplina não seja apenas um apêndice descontextualizado, mas que dialogue efetivamente com a formação profissional dos estudantes. Se estou lecionando para uma turma de Meio Ambiente, por exemplo, não posso ensinar ecologia de forma abstrata, sem relacioná-la às práticas de trabalho que os alunos já exercem ou exercerão. Preciso discutir os impactos ambientais das atividades produtivas, as doenças relacionadas à exposição a agentes químicos no trabalho, a legislação ambiental que regula as profissões. A Biologia, assim, deixa de ser um conteúdo descolado da vida e se torna ferramenta de compreensão e intervenção no mundo do trabalho.

O terceiro problema é a invisibilidade das experiências dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. O artigo aponta uma lacuna crucial: nenhum dos trabalhos selecionados incluiu a avaliação dos alunos ou professores sobre o material didático utilizado. Isso me alerta para a necessidade de construir, em minha prática, mecanismos contínuos de escuta e *feedback*. Não posso simplesmente chegar com um material pronto, elaborado por instâncias distantes da sala de aula, e impô-lo aos estudantes. Preciso perguntar: esse texto faz sentido para vocês? Esses exemplos dialogam com suas realidades? Que temas vocês gostariam de ver abordados? Essa escuta ativa não é apenas um gesto democrático, mas uma condição para que o aprendizado seja significativo.

Um exemplo concreto: ao planejar uma unidade sobre microbiologia, posso iniciar com uma roda de conversa em que os estudantes compartilhem suas experiências com

doenças infecciosas no ambiente de trabalho, com a manipulação de alimentos, com condições sanitárias em suas comunidades. A partir desses relatos, construo coletivamente as perguntas que orientarão o estudo: por que certas infecções são mais comuns em determinados ambientes de trabalho? Como prevenir a contaminação? Qual a relação entre condições precárias de trabalho e saúde? O material didático, então, não é algo que vem de fora, mas algo que se constrói a partir das necessidades concretas da turma, com o suporte do conhecimento científico sistematizado.

O quarto problema é o risco de uma formação meramente compensatória. O artigo alerta que é preciso consolidar o PROEJA como uma política de emancipação e educação omnilateral, e não como algo meramente compensatório, ou seja, não se trata apenas de "tapar buracos" da escolarização não realizada na infância, mas de oferecer uma formação que desenvolva o sujeito em sua totalidade. Em Biologia, isso significa superar a visão pragmática que reduz o ensino ao treinamento para tarefas específicas. Não basta ensinar ao trabalhador rural os cuidados com agrotóxicos apenas para que ele execute corretamente seu trabalho; é preciso discutir por que ele está exposto a esses agentes, que interesses econômicos estão em jogo, como a ciência pode ser usada tanto para proteger quanto para explorar.

Essa perspectiva me ajuda a compreender que minha função como professora de Biologia no PROEJA não é apenas transmitir conteúdos técnicos, mas contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender as relações entre ciência, trabalho e sociedade. O trabalhador que entende por que adoece, que conhece seus direitos, que sabe onde buscar informação confiável, que é capaz de questionar as condições às quais é submetido, esse trabalhador está mais preparado para lutar por dignidade. A Biologia, assim, deixa de ser uma disciplina neutra e se torna instrumento de emancipação.

Outro desafio prático que vislumbro é o da heterogeneidade de níveis de escolarização em uma mesma turma. No PROEJA, é comum encontrar estudantes com trajetórias educacionais muito diversas: alguns podem ter parado de estudar há

décadas, outros podem ter concluído o ensino fundamental recentemente, alguns podem ter dificuldades severas de leitura e escrita, outros podem ter mais familiaridade com os códigos escolares. Como professora de Biologia, preciso planejar aulas que acolham essa diversidade sem excluir ninguém. Isso significa, por exemplo, utilizar múltiplas linguagens (imagens, vídeos, esquemas, atividades práticas) para que o conhecimento não dependa exclusivamente da leitura fluente. Significa também propor atividades em grupo que permitam a troca de saberes entre os estudantes, valorizando a experiência de vida dos mais velhos e o repertório escolar dos mais jovens.

A discussão sobre PROEJA também me ajuda a pensar sobre o chamado, tempo pedagógico. O estudante trabalhador tem um tempo diferente do adolescente em tempo integral. Ele chega cansado, muitas vezes com fome, com preocupações concretas sobre sustento e sobrevivência. Minha aula de Biologia não pode ignorar essas condições. Preciso planejar atividades que sejam dinâmicas, que alternem momentos de exposição com momentos de prática, que respeitem os limites físicos e cognitivos de quem já trabalhou o dia inteiro. Isso não significa "aliviar" o conteúdo ou reduzir a qualidade do ensino, mas sim encontrar formas de ensinar que considerem a totalidade do sujeito.

Por fim, o artigo me inspira a ser uma pesquisadora-em-ação. A lacuna identificada da ausência de estudos que tragam a avaliação dos alunos e professores sobre o material didático, me convoca a produzir esse conhecimento a partir da minha própria prática. Posso, em minhas turmas de PROEJA, implementar mecanismos sistemáticos de avaliação dos materiais utilizados, registrar as percepções dos estudantes, analisar o que funciona e o que precisa ser modificado. Esses registros podem se transformar em pesquisas, em artigos, em contribuições para o debate acadêmico sobre a EJA-EPT. A sala de aula, assim, deixa de ser apenas espaço de reprodução e se torna laboratório de inovação pedagógica.

Em suma, a discussão sobre PROEJA e material didático me oferece ferramentas para enfrentar problemas concretos: a inadequação dos recursos, a desarticulação

curricular, a invisibilidade das experiências dos alunos, o risco da formação compensatória, a heterogeneidade da turma, as especificidades do tempo do trabalhador. Essa reflexão me permite construir uma prática pedagógica que não apenas ensina Biologia, mas que forma trabalhadores críticos, conscientes de seus direitos, capazes de compreender as relações entre ciência, trabalho e sociedade. É essa a função social da EPT: não apenas preparar para o mercado, mas contribuir para a emancipação humana.

### **3.3.3 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica**

A disciplina utiliza uma metodologia integrada que combina atividades teóricas e práticas, promovendo o diálogo crítico e reflexivo entre os participantes. O foco está na articulação entre os conceitos da cultura digital e as práticas pedagógicas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), incentivando a construção de conhecimento coletivo e a aplicação prática dos conteúdos abordados. As estratégias metodológicas incluem atividades síncronas, como encontros ao vivo via plataformas digitais para debates, exposições dialogadas e momentos de interação coletiva, e atividades assíncronas, realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Estas incluem fóruns de discussão, tarefas avaliativas e construção de glossários coletivos, permitindo que os cursistas aprofundem os conteúdos em seu próprio ritmo, mas em constante colaboração com colegas e tutores.

A abordagem enfatiza a análise crítica de conceitos-chave, como letramento digital, convergência tecnológica e inclusão digital, articulados às práticas educacionais transformadoras. Para isso, são utilizados textos acadêmicos, artigos, vídeos e estudos de caso que contextualizam as aplicações práticas da cultura digital no campo da EPT. Além disso, o componente curricular incentiva a criatividade e a inovação pedagógica, com atividades que desafiam os participantes a propor soluções críticas e práticas para problemas relacionados ao uso de tecnologias digitais na educação. A construção de uma comunidade de prática e reflexão é estimulada ao longo de toda a disciplina, reforçando a importância da colaboração e da troca de experiências. Por fim, a metodologia promove uma educação emancipatória, que valoriza a

superação de desigualdades e a formação de profissionais críticos, éticos e aptos a atuar em um mundo digitalizado e em constante transformação. As atividades propostas integram teoria e prática, garantindo que os cursistas possam aplicar os aprendizados no contexto profissional de forma ética e reflexiva.

Um dos trabalhos abordados na unidade temática, foi o livro *Alfabetização, Letramento e Tecnologias*, de Menezes, Couto e Santos (2019). O material parte do conceito de Letramento como o estado ou a condição que um indivíduo adquire ao se apropriar da linguagem, e o expande para a esfera digital. Assim, um dos principais tópicos é a definição dos Letramentos Digitais, que são entendidos como o desdobramento do letramento analógico (tradicional). Essa nova categoria faz parte do conceito mais amplo de Multiletramentos e é vista como uma condição essencial para a comunicação e a informação nos padrões atuais da sociedade. Em essência, o texto argumenta que não basta apenas saber ler e escrever; é preciso saber decodificar e interagir com os múltiplos formatos de texto e mídia presentes no universo digital.

#### Integração Curricular e Metodologia Ativa

Outro tópico crucial é a sua própria aplicação e estrutura. O *e-book* não é apenas um material teórico; ele é projetado para ser um componente curricular em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), propondo uma metodologia ativa e interativa. Isso significa que a tecnologia não é apenas o objeto de estudo, mas também o meio pelo qual o conhecimento é construído. O texto propõe o acompanhamento de videoaulas, a participação em fóruns de debate e a realização de atividades baseadas na análise de situações-problema contextualizadas. Essa abordagem enfatiza que a formação do educador deve ser prática e refletir a dinâmica da vida digital.

O material discute a transição da alfabetização básica para a alfabetização digital. Ele utiliza exemplos práticos, como a análise de letras de músicas sobre a *internet*, para ilustrar os desafios de interpretar metáforas, identificar riscos e compreender as mensagens veiculadas em um ambiente virtual. O texto, portanto, sinaliza que a formação deve capacitar o indivíduo a lidar com a dupla natureza da informação *online*: saber se informar e, criticamente, discernir a desinformação. Em suma, o e-

*book* oferece um caminho para que os educadores promovam uma formação que seja, ao mesmo tempo, tecnológica, crítica e humanista.

O material "Alfabetização, Letramento e Tecnologias" estabelece uma conexão profunda e indispensável com minha formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), atuando como uma ponte entre a teoria da linguagem e a prática tecnológica do mundo do trabalho. Isso se interliga de forma crucial com o trabalho executado por mim, pois ambos têm como foco o letramento digital como ferramenta amortizadora nas desigualdades de aprendizagem, e que tem como objetivo secundário, instigar o usuário a desenvolver o senso crítico e a busca por informações de maneira autônoma e consciente.

Essa conexão é vital em dois níveis: na minha prática pedagógica e na formação profissional que irei oferecer.

No nível pedagógico, o *e-book* me equipa para enfrentar os desafios dos Multiletramentos. Na EPT, não posso mais me limitar ao material didático tradicional; devo ser capaz de planejar e executar aulas que utilizem ambientes virtuais de aprendizagem, vídeos, e *softwares* específicos da área técnica. A discussão sobre Letramentos Digitais me dá o embasamento para usar essas ferramentas não apenas como suporte, mas como objetos de estudo e meios de construção curricular, garantindo que o estudante desenvolva a capacidade de ler, escrever e se comunicar na complexa linguagem digital de sua futura profissão. Isso inclui a capacidade de produzir materiais didáticos digitais que sejam acessíveis e que dialoguem com a realidade multimídia dos estudantes, seja no Ensino Médio Integrado ou na EJA/PROEJA.

No nível profissionalizante, o material reforça o compromisso da EPT com a formação de um profissional competente e de um cidadão digital. O mercado de trabalho exige que meus alunos sejam proficientes em Alfabetização Digital, sabendo manusear manuais *online*, operar *softwares* e participar de redes profissionais. A compreensão dos Letramentos Digitais, portanto, me habilita a ir além da instrução técnica básica,

formando um indivíduo que é capaz de usar as tecnologias de forma crítica e estratégica. Ao inculcar essa criticidade, garanto que o egresso da EPT não seja apenas um executor de tarefas, mas sim um profissional emancipado, que pode buscar informações, tomar decisões informadas e se posicionar eticamente diante das constantes inovações tecnológicas de seu campo de atuação. Em suma, o livro me orienta a garantir que a EPT cumpra sua função social, preparando o aluno para o domínio técnico e para a plena cidadania na sociedade conectada.

Ao adentrar na disciplina Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica, e particularmente no material "Alfabetização, Letramento e Tecnologias", de Menezes, Couto e Santos (2019), sou desafiada a pensar como esses conceitos podem me ajudar a resolver problemas concretos em minha futura sala de aula de Biologia na EPT. A discussão sobre letramento digital, multiletramentos e metodologias ativas não é apenas teórica, ela responde a questões práticas que emergem do cotidiano escolar.

O primeiro problema que essa discussão me ajuda a enfrentar é o distanciamento entre a linguagem escolar e a linguagem digital dos estudantes. Como bem aponta Moran, "a educação escolar precisa compreender e incorporar as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações". Em uma aula de Biologia, isso significa reconhecer que meus alunos já estão imersos em um universo digital que não pode ser ignorado ou demonizado. O desafio não é competir com o celular pela atenção do estudante, mas incorporar esse dispositivo como ferramenta pedagógica significativa.

Um exemplo concreto: ao ensinar ecologia, posso propor que os estudantes utilizem o Instagram não apenas para consumir conteúdo, mas para produzir *posts* científicos sobre problemas ambientais locais, exigindo que pesquisem fontes confiáveis, traduzam linguagem acadêmica para uma comunicação acessível e utilizem recursos multimídia. Essa atividade mobiliza o que Menezes, Couto e Santos (2019) chamam de letramentos digitais a capacidade não apenas de operar a ferramenta, mas de decodificar e produzir significados em múltiplas linguagens.

O segundo problema é a necessidade de superar a visão instrumental da tecnologia. Não basta ensinar os alunos a usar *softwares* ou aplicativos; é preciso desenvolver uma postura crítica diante do universo digital. Como nos lembram os autores estudados, a formação deve capacitar o indivíduo a lidar com a dupla natureza da informação online: saber se informar e, criticamente, discernir a desinformação. Em Biologia, isso é particularmente urgente diante da avalanche de pseudociência e negacionismo científico que circula nas redes sociais. Meus alunos precisam ser capazes de identificar fontes confiáveis, questionar informações duvidosas e compreender os interesses por trás da desinformação.

O terceiro problema é a resistência docente ao uso pedagógico das tecnologias. A pesquisa de Marcom e Porto (2022) aponta que "o letramento digital está distante da prática docente em função da falta de familiaridade e resistência ao uso pedagógico dos recursos tecnológicos". Essa constatação ressoa diretamente com minha experiência na graduação, quando percebi a recusa dos professores em adentrar o ambiente virtual. A disciplina me prepara para ser uma professora que não apenas utiliza as tecnologias, mas que também pode contribuir para a formação continuada de colegas, compartilhando experiências e reduzindo o receio que muitos ainda sentem.

O quarto problema é a inadequação das metodologias tradicionais para a diversidade de perfis da EPT. Moran nos alerta que "métodos tradicionais de ensino, que se utilizam unicamente da voz do professor, do quadro-negro, do giz e do livro didático, não atendem mais aos interesses e expectativas dos alunos". Na EPT, onde convivem jovens nativos digitais e adultos trabalhadores com diferentes níveis de familiaridade tecnológica, essa inadequação é ainda mais evidente. O desafio é construir metodologias que acolham essa diversidade sem excluir ninguém.

Bacich e Moran, em suas obras sobre metodologias ativas, defendem a integração entre tecnologias digitais e estratégias pedagógicas que coloquem o estudante no centro do processo. A aprendizagem baseada em projetos, as salas de aula invertidas e o uso de ambientes virtuais de aprendizagem são possibilidades que dialogam

diretamente com a EPT, pois permitem articular teoria e prática, formação geral e formação técnica. Em uma aula de Biologia para um curso técnico em Meio Ambiente, por exemplo, posso propor um projeto em que os estudantes investiguem a qualidade da água em suas comunidades, utilizando aplicativos de coleta de dados, produzindo relatórios digitais e compartilhando os resultados em plataformas online.

Outro problema prático é a necessidade de formar para o mundo do trabalho digitalizado. O mercado de trabalho atual exige profissionais proficientes em letramento digital, capazes de manusear softwares específicos, participar de redes profissionais, buscar informação qualificada e comunicar-se em múltiplas linguagens. Minha responsabilidade como professora de Biologia na EPT não se limita a ensinar conceitos científicos; preciso garantir que meus alunos desenvolvam essas competências digitais essenciais para sua atuação profissional.

A disciplina também me ajuda a pensar sobre a avaliação em tempos digitais. Como avaliar a aprendizagem quando utilizamos múltiplas linguagens e ferramentas? Os autores sugerem que a avaliação deve acompanhar o processo, valorizando não apenas o produto final, mas a trajetória de construção do conhecimento. Portfólios digitais, autoavaliações, *feedbacks* contínuos e análise das interações nos ambientes virtuais são estratégias que permitem uma avaliação mais formativa e contextualizada.

Por fim, a discussão sobre cultura digital me convoca a refletir sobre inclusão e desigualdades. O letramento digital pode ser uma ferramenta de amortecimento das diferenças sociais, como propus em meu trabalho de graduação, mas também pode reproduzir e aprofundar exclusões se não for pensado criticamente. É preciso garantir que todos os estudantes tenham acesso não apenas aos dispositivos, mas à formação que lhes permita usar as tecnologias de forma autônoma, crítica e criativa. Isso significa, na prática, diagnosticar os diferentes níveis de familiaridade digital da turma e oferecer suporte diferenciado para que ninguém fique para trás.

Em suma, a disciplina Cultura Digital me oferece ferramentas conceituais e metodológicas para enfrentar problemas concretos em minha futura sala de aula de

Biologia na EPT: o distanciamento linguístico entre escola e estudantes, a necessidade de formação crítica diante da desinformação, a resistência docente, a inadequação metodológica, as demandas do mundo do trabalho, os desafios da avaliação e as desigualdades de acesso. Articulando as contribuições de Moran sobre a incorporação das novas linguagens pela educação e de Bacich sobre metodologias ativas integradas às tecnologias, posso construir uma prática pedagógica que não apenas ensina Biologia, mas forma cidadãos digitais críticos, éticos e preparados para atuar em um mundo em constante transformação.

### **3.3.4 Formação humana integral versus Pragmatismo**

O texto norteador da disciplina, cuja autora é Alcidema Coelho Magalhães, aponta o papel da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, destacando que, embora ela precise dialogar com o trabalho, sua constituição histórica tendeu a subordinar a formação dos trabalhadores aos interesses do mercado. Contudo, o campo educativo é um campo em disputa entre dois projetos: um que visa a submissão ao mercado e outro focado na emancipação da classe trabalhadora. Para compreender essa tensão, é fundamental diferenciar o trabalho em duas grandes dimensões.

A primeira é a dimensão ontológica (ou seja, essencial) do trabalho, que é a atividade produtiva fundamental que constitui o ser humano. Segundo Marx, Engels e Saviani, é pelo trabalho que o ser social transforma a natureza e cria a si mesmo, humanizando-se. A segunda é o trabalho em suas formas históricas, que atualmente assume a forma de trabalho assalariado (ou emprego) dentro da estrutura capitalista. Nessa modalidade, a força de trabalho é vendida e separada do processo e do produto, gerando a alienação do trabalhador, que não se reconhece mais no que produz. Para o capitalismo, essa separação é funcional, pois permite controlar a força de trabalho e maximizar o lucro que será usufruído por uma minoria. Assim, a EPT está no centro de um conflito ideológico entre educar para reproduzir essa alienação ou educar para a libertação e o desenvolvimento pleno do ser humano.

A relação deste texto com a minha formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é fundamentalmente crítica, pois ele me insere em um campo de disputa ideológica que define o propósito do meu trabalho. O texto me obriga a reconhecer que a EPT não é neutra, estando constantemente em tensão entre o projeto de subordinar a formação aos interesses do mercado e o projeto de buscar a emancipação da classe trabalhadora.

Minha formação deve, portanto, me capacitar a enxergar além da técnica. Preciso questionar os fins da minha prática pedagógica: estou formando meros executores de tarefas para gerar lucro (o trabalho como emprego assalariado) ou estou formando sujeitos críticos que compreendem o trabalho em sua dimensão ontológica, como atividade que constrói a própria essência humana?

O desafio é combater a alienação na sala de aula. Isso significa que devo ser o profissional capaz de articular o conteúdo técnico com as bases humanísticas, mostrando ao estudante como o processo produtivo transforma tanto a natureza quanto a si mesmo. Este posicionamento exige que eu lute por um currículo que promova a formação humana integral, incentivando a reflexão sobre o papel social da classe trabalhadora e garantindo que os processos de ensino-aprendizagem sirvam à emancipação dos sujeitos, e não ao mero controle de sua força de trabalho pelo capital. Em essência, o texto me fornece a lente teórica para atuar de forma intencional na EPT, escolhendo o projeto que visa a libertação.

### **3.3.5 Estratégias e práticas educativas voltadas para garantir o direito à permanência estudantil**

A trajetória de formação na Licenciatura em Ciências Biológicas pela UNEB Campus II revela-se como um microcosmo dos desafios enfrentados na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) brasileira. A permanência e o êxito estudantil, temas centrais do artigo de Souza *et al.* (2022), não devem ser compreendidos apenas como indicadores estatísticos, mas como o cumprimento de um preceito constitucional. Conforme o referido artigo, a Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como um direito

que visa ao preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, tendo como princípio a "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola". Em minha jornada, essa permanência foi testada pela rigidez do sistema universitário e pela alta densidade curricular, agravada por fatores externos como greves e a pandemia de COVID-19. Essa vivência pessoal confirma a tese de Costa (2020), citada no artigo base, de que a permanência está associada tanto ao trabalho pedagógico da instituição quanto a fatores subjetivos do estudante, como persistência e esforço pessoal diante de obstáculos sistêmicos.

A disciplina e os estudos realizados no campo da EPT demonstram que a retenção e a evasão escolar são fenômenos multicausais. No meu percurso, a tentativa de conciliar a graduação com o curso Técnico em Segurança do Trabalho resultou em um atraso na conclusão do ensino superior, evidenciando como a sobrecarga e a falta de políticas de assistência estudantil eficientes podem comprometer o rendimento. O Documento Orientador para a Superação da Evasão e Retenção (2014) classifica esses obstáculos como "fatores internos" e "individuais". A dificuldade em conciliar o estágio técnico com as demandas da universidade reflete a necessidade urgente de planos estratégicos institucionais que contemplem diagnósticos qualitativos e intervenções pedagógicas individualizadas, como defendido por Almeida (2019). Para esta autora, o acompanhamento pedagógico deve identificar as rotas de aprendizagem de cada indivíduo, algo que me faltou no início da graduação, quando as disciplinas específicas de Biologia, como Bioquímica e Genética, pareciam distantes da minha realidade por falta de um filtro pedagógico contextualizado.

A importância das disciplinas pedagógicas e da Ecologia em minha formação reside justamente na capacidade de conferir sentido social ao conhecimento científico. Durante o estágio obrigatório em um curso técnico de Meio Ambiente, pude observar a materialização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), onde a EPT se integra às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Ali, a Biologia deixou de ser um conteúdo estanque para se tornar uma ferramenta de atuação técnica. Essa experiência foi o alicerce para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, que propõe o uso do Instagram como

ferramenta pedagógica. Tal proposta fundamenta-se na ideia de que as instituições de ensino precisam atualizar suas práticas para reduzir a evasão, utilizando tecnologias que façam parte do cotidiano do aluno. Ao utilizar a rede social para abordar temas como ISTs e Ecologia, promovo uma "ruptura" com as metodologias ultrapassadas de aulas puramente expositivas que critiquei durante minha formação no SENAI e na graduação.

A articulação entre a teoria estudada e a minha prática profissional futura manifesta-se na compreensão de que o educador na EPT deve ser um mediador capaz de promover a inclusão digital e intelectual. O uso do Instagram, amparado por Silva (2023), que o aponta como a rede social mais viável para práticas pedagógicas contemporâneas, funciona como uma estratégia de intervenção capaz de atrair o engajamento de diversas faixas etárias. Esta metodologia dialoga diretamente com as causas de evasão elencadas no artigo de Souza *et al.* (2022), como o "desinteresse pelo curso" e as "práticas pedagógicas ineficientes". Ao transformar um compartilhamento de imagem em uma simulação de transmissão de patógenos, a teoria biológica ganha vida, superando o modelo de "atividades recicladas" que observei durante o ensino remoto na pandemia.

Portanto, os conhecimentos construídos nas disciplinas da EPT permitiram uma análise crítica da minha própria trajetória de superação. A análise da questão-problema: a desmotivação e o risco de abandono, à luz de autores como Dore e Luscher (2011) e Kaufman *et al.* (2019), revela que a solução passa pela humanização do ensino e pela modernização das ferramentas didáticas. Proponho, como enfrentamento a essa realidade, a institucionalização de estratégias de identificação com o curso e a criação de fóruns de discussão sobre permanência escolar que envolvam não apenas gestores, mas os próprios alunos como protagonistas. Meu trabalho com o Instagram é, em última análise, uma proposta organizacional e pedagógica para uma EPT mais conectada, inclusiva e capaz de garantir que o êxito estudantil não seja um privilégio, mas uma realidade para todos os discentes, independentemente das dificuldades impostas pelo percurso formativo.

### 3.3.6 Saberes necessários à Docência na EPT

A discussão sobre a docência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) exige, primordialmente, o reconhecimento de que o ato de ensinar nesta modalidade transcende o mero domínio técnico ou o "saber de conteúdo". Segundo Gariglio e Burnier (2012), historicamente consolidou-se uma mentalidade reducionista de que, para ser professor de áreas tecnológicas, bastaria a experiência no "chão de fábrica" ou o conhecimento dos conteúdos específicos, em detrimento da formação pedagógica. Essa visão, que os autores denominam como um "ofício sem saberes", ignora a complexidade das relações entre capital, trabalho e tecnologia. O estudo de Gariglio e Burnier, ancorado em autores como Tardif e Gauthier, defende que o saber docente é um corpo multifacetado que engloba saberes disciplinares, curriculares, profissionais e, de forma vital, os saberes da experiência. Estes últimos são aqueles construídos no cotidiano, validados pela prática e pela reflexão sobre o fazer docente, permitindo que o professor não seja apenas um "instrutor", mas um profissional da educação capaz de realizar a transposição didática necessária para que a ciência se torne instrumento de cidadania.

Nesse contexto, a busca por metodologias que garantam a permanência e o êxito estudantil torna-se uma prioridade institucional e pedagógica. Como aponta Souza *et al.* (2022), o planejamento de ações que visam ao sucesso escolar deve identificar e atender às necessidades dos discentes durante seu percurso, combatendo fatores de retenção como o desinteresse e a descontextualização curricular. É sob essa ótica que a utilização do Instagram como ferramenta pedagógica se apresenta como uma estratégia de intervenção robusta. Ao transpor o ensino de Biologia e Ecologia para uma plataforma habitada organicamente pelos estudantes, é promovido o que eu classifico no trabalho pregresso como uma adaptação necessária à nova era do conhecimento. A atividade prática desenvolvida, que simula a cadeia de transmissão de ISTs através do engajamento (visualizações e compartilhamentos), exemplifica a mobilização de saberes docentes que unem a racionalidade técnica à sensibilidade pedagógica. Esta metodologia não apenas "encanta" o aluno, como sugerem os professores entrevistados por Gariglio e Burnier, mas transforma uma informação científica densa em um saber socialmente relevante, combatendo a evasão ao tornar

o currículo vivo e interativo.

A importância desta discussão para a formação docente reside na necessidade de profissionalizar o magistério na EPT, superando o modelo de "aulas expositivas e avaliações recicladas". O estudo de Gariglio e Burnier destaca que o professor da EPT lida com sujeitos sociais complexos, jovens e adultos que demandam uma escuta sensível e uma prática que dialogue com suas realidades. Portanto, a utilização de tecnologias sociais não deve ser vista como um recurso acessório, mas como um lócus de mediação de saberes que promove a inclusão digital e intelectual. A estratégia pedagógica via redes sociais atua diretamente nos "fatores internos" das instituições, modernizando o currículo e fortalecendo os vínculos entre aluno e escola. Ao final, o que se propõe é uma prática docente reflexiva, onde o professor utiliza sua "reflexão na ação" para identificar riscos de desengajamento e intervir com metodologias que garantam não apenas o acesso, mas a conclusão exitosa do percurso formativo.

Esta fundamentação teórica correlaciona-se profundamente com a minha trajetória na Licenciatura em Ciências Biológicas pela UNEB Campus II. Minha jornada foi marcada por um sistema de avaliação rígido e por uma ruptura drástica causada pela pandemia, onde a falta de adaptabilidade das metodologias tradicionais ficou evidente. Vivenciei a dificuldade de conciliar a densidade da graduação com cursos técnicos (SENAI e Segurança do Trabalho), o que resultou em atrasos e reprovações que hoje compreendo, à luz de Dore e Luscher (2011), como "situação de risco" gerada pela sobrecarga. Foi no estágio em uma unidade de ensino tecnológico, especificamente no curso de Meio Ambiente, que encontrei o ponto de equilíbrio: a Biologia instrumentalizada para a profissão e contextualizada pela Ecologia. Essa experiência, somada às inquietações sobre o desinteresse discente, fundamentou o meu trabalho com o Instagram. Minha proposta é, portanto, o resultado da articulação entre os saberes teóricos da EPT e a minha experiência prática de superação, visando oferecer uma educação que não se limite à transmissão de dados, mas que utilize a tecnologia para promover a permanência, o sucesso e a formação humana integral.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escrita deste memorial foi, acima de tudo, uma jornada de autoconhecimento profissional e amadurecimento intelectual. Organizar as memórias e colocá-las no papel exigiu mais do que um esforço de recordação; demandou uma arqueologia pedagógica, onde cada experiência vivida na UNEB, das dificuldades impostas pelo sistema de avaliação à ruptura da pandemia, precisou ser escavada e analisada sob a luz dos novos referenciais teóricos da Especialização. Ter que estruturar essa narrativa não foi um ato passivo, mas um exercício de confronto produtivo: ao registrar a "Carla graduanda", pude perceber o quanto a "Carla especialista" avançou na compreensão da função social da EPT. Essa organização textual permitiu-me enxergar que o meu interesse pela Ecologia e pela Pedagogia não eram apenas afinidades eletivas, mas as bases de uma identidade docente que hoje busca na Formação Humana Integral o seu propósito maior.

Do ponto de vista da competência acadêmica, a construção deste trabalho foi fundamental para o aprimoramento das minhas habilidades de escrita, síntese e citação. A necessidade de articular relatos profundamente pessoais com autores densos como Tardif (2002), Gariglio (2012) e Magalhães (2021) exigiu um rigor metodológico que elevou minha escrita para além do descritivo. Aprendi a transpor a subjetividade das minhas vivências para o campo da objetividade científica, utilizando a citação não como um adorno, mas como uma âncora que valida e universaliza minhas inquietações individuais. O exercício de síntese foi, talvez, o maior desafio e o maior ganho: conseguir condensar anos de trajetória e propostas de intervenção em um texto fluido e coerente permitiu-me desenvolver uma clareza argumentativa essencial para qualquer educador e pesquisador.

Mais do que organizar o passado, escrever este memorial ajudou-me a projetar o futuro. Ao consolidar a relação entre o meu trabalho com o Instagram e o conceito de Trabalho como Princípio Educativo, sinto-me agora mais apta a produzir materiais que não sejam apenas "tecnicamente corretos", mas politicamente engajados e pedagogicamente críticos. A escrita revelou que a competência acadêmica não se resume ao domínio de normas, mas à capacidade de fazer a teoria "conversar" com a

prática de forma honesta. Saio deste processo convencida de que a formação docente é, de fato, uma construção contínua e que a capacidade de refletir sobre a própria história é a ferramenta mais poderosa que um professor pode possuir para transformar a realidade da Educação Profissional e Tecnológica

Ao mergulhar na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica, fui confrontada com um movimento de retorno ao meu próprio percurso, mas agora com novas perspectivas teóricas. A experiência me convidou a revisitar o "guia" do Instagram, elaborado ainda na graduação, e a estabelecer um diálogo entre aquela Carla que emergia da licenciatura e esta Carla que agora finaliza uma especialização. Esse exercício reflexivo não apenas ressignifica o trabalho anterior, mas revela camadas que antes permaneciam invisíveis.

O guia para utilização do Instagram como ferramenta pedagógica nasceu de um lugar legítimo e necessário: o desejo de aproximar a escola, da realidade dos estudantes, de combater a evasão e de oferecer metodologias que dialogassem com o universo digital dos jovens. Naquele momento, minha motivação central era instrumental, ou seja, oferecer aos professores uma ferramenta acessível, um passo a passo que reduzisse o receio docente e possibilitasse a inclusão digital. A pergunta que me movia era: "como fazer?". Lembro-me vividamente da atividade na disciplina Práticas Pedagógicas II, quando criei uma conta no Instagram para uma dinâmica sobre IST's, utilizando imagens de preservativos e a lógica de compartilhamentos para representar a transmissão de infecções. Foi ali que vislumbrei o potencial pedagógico das redes sociais, especialmente ao perceber como os estudantes se engajavam com uma linguagem que já era parte de seu cotidiano. Naquele contexto, meu olhar estava prioritariamente voltado para o acesso à tecnologia e para o engajamento dos alunos. A preocupação era legítima, mas limitada: já que não tomava consciência da barreira do analfabetismo digital, principalmente quando parte para outra faixa etária, já que esse primeiro contato com uma tecnologia como instrumento educacional, tinha como aplicador (eu) uma pessoa que já tinha certa familiaridade com tal rede social, e está inclusa em uma geração que frequentemente a usa. Quando a proposta segue adiante e alcança docente de outra realidade e faixa etária, outras problemáticas se fazem

presentes. Com isso, busquei aliar as duas propostas iniciais, eu queria que os professores perdessem o medo do Instagram e que os alunos se interessassem mais pelas aulas.

Hoje, após cursar disciplinas como Formação Humana Integral versus Pragmatismo, Cultura Digital e Práticas Educativas Inclusivas, enxergo o guia com outros olhos. Percebo que, na graduação, meu olhar, embora sensível às desigualdades e à necessidade de inclusão, operava em uma camada mais superficial do problema. Faltava-lhe uma ancoragem crítica mais profunda. Faltava perguntar não apenas "como usar o Instagram?", mas "para quê, para quem e sob qual perspectiva?". A disciplina de Cultura Digital, por exemplo, me apresentou o conceito de letramento digital crítico, não basta saber operar a ferramenta, é preciso formar sujeitos capazes de decodificar as linguagens, identificar as armadilhas da desinformação e compreender como as plataformas digitais operam na sociedade capitalista. O material "Alfabetização, Letramento e Tecnologias", de Menezes, Couto e Santos (2019), foi particularmente revelador ao expandir a noção de letramento para o universo digital, mostrando que a formação deve capacitar o indivíduo a lidar com a dupla natureza da informação online: saber se informar e, criticamente, discernir a desinformação.

A principal inflexão que a especialização provocou em mim, no entanto, foi compreender o Trabalho como Princípio Educativo. Isso significa que a EPT não deve se limitar a preparar mão de obra para o mercado, mas sim formar sujeitos que compreendam o trabalho em sua dupla dimensão: como ontologia do ser social (atividade que humaniza e transforma a natureza) e como categoria histórica, atualmente subordinada à lógica do capital e do trabalho assalariado. O texto de Alcidema Coelho Magalhães, trabalhado na disciplina, foi cirúrgico ao apontar que a EPT está no centro de um conflito ideológico entre educar para reproduzir a alienação ou educar para a libertação e o desenvolvimento pleno do ser humano. Essa reflexão me obrigou a questionar os fins da minha própria prática pedagógica: estava eu, com meu guia, formando meros executores de tarefas para gerar lucro, ou estava formando sujeitos críticos que compreendem o trabalho em sua dimensão essencial?

Se eu fosse reescrever o guia hoje, incorporaria mudanças fundamentais inspiradas nessa nova perspectiva. Em primeiro lugar, transformaria o foco do "uso da ferramenta" para a "análise crítica da plataforma". O guia original ensinava o professor a abrir uma conta, fazer uma live, postar conteúdos. O novo guia partiria de perguntas como: o que é o Instagram? A quem ele pertence? Como seu algoritmo funciona? Que interesses econômicos e políticos movem a plataforma? Como a lógica do *like*, do engajamento e da visibilidade pode ser problematizada em sala de aula? Isso significa tornar o *Instagram* não apenas meio, mas objeto de estudo. Antes de usar a ferramenta para ensinar Biologia, os estudantes seriam convidados a compreender criticamente o ambiente em que estão imersos diariamente.

Em segundo lugar, deslocaria o eixo do engajamento para a emancipação. Minha preocupação inicial com o engajamento dos alunos, embora importante, corria o risco de cair no que a disciplina de Formação Humana Integral denunciou como pragmatismo: usar a tecnologia apenas para tornar o conteúdo mais "palatável" ou "divertido", sem questionar a que serve esse conhecimento. O novo guia perguntaria: como o ensino de Biologia, mediado pelo Instagram, pode contribuir para que os estudantes compreendam as relações entre ciência, tecnologia, sociedade e trabalho? Como discutir, por exemplo, que determinadas doenças ambientais atingem desproporcionalmente populações periféricas e trabalhadores? A experiência no estágio obrigatório em um curso técnico de Meio Ambiente me mostrou a potência de contextualizar o ensino da Biologia para a formação profissional. O novo guia aprofundaria essa perspectiva, propondo atividades que articulassem o conteúdo biológico às questões do mundo do trabalho. Por exemplo, ao invés de apenas postar conteúdos sobre ecologia no *Instagram*, os estudantes poderiam ser desafiados a produzir conteúdo crítico sobre as condições ambientais nos locais onde trabalham ou vivem, denunciando impactos, propondo soluções e utilizando a rede social como espaço de intervenção social e cidadã.

Outra mudança necessária seria a incorporação das discussões sobre Práticas Educativas Inclusivas e EJA-EPT. O guia original foi pensado para a rede básica de

ensino de forma genérica, mas a especialização me fez perceber a importância de considerar as especificidades do público da EPT, especialmente da EJA. A revisão sistemática da literatura sobre o PROEJA, trabalhada durante a disciplina, revelou que os materiais didáticos utilizados são, em sua maioria, genéricos e inadequados, muitas vezes os mesmos destinados a adolescentes do ensino regular. O guia, portanto, precisaria ser adaptado para dialogar com as experiências de vida e trabalho dos estudantes da EJA, transformando sua bagagem em conteúdo significativo e garantindo que o aprendizado seja um fator de emancipação e não apenas compensatório.

Por fim, o guia original identificou a resistência dos professores como um obstáculo. A especialização me ajuda a compreender que essa resistência não é apenas técnica, mas também ideológica e política. Muitos professores resistem porque acreditam que a tecnologia "desvirtua" o ensino ou porque não foram formados para compreender a cultura digital em sua complexidade. O novo guia incluiria, portanto, uma seção dedicada à formação continuada do professor, não apenas para ensinar o manuseio técnico, mas para provocar reflexões sobre o papel da tecnologia na sociedade e na EPT. Afinal, como bem coloquei em meu trabalho de conclusão de graduação, "o professor que conseguir se adaptar a essa nova forma de conhecimento terá mais uma opção em suas práticas pedagógicas", mas adaptar-se não significa apenas dominar a ferramenta, e sim compreendê-la criticamente.

Se a "Carla graduanda" pudesse conversar com a "Carla especialista", provavelmente diria: "Eu só queria que os professores perdessem o medo do Instagram e que os alunos aprendessem Biologia de um jeito mais próximo deles". E a Carla especialista responderia: "Você estava no caminho certo, mas agora entendo que o desafio é maior. Não se trata apenas de aproximar a escola da vida do aluno, mas de problematizar essa vida, esse trabalho, essa tecnologia. O Instagram pode ser uma ponte, mas precisamos ensinar os estudantes a questionar de que material essa ponte é feita, quem a construiu e para onde ela realmente leva". Essa conversa imaginária enriquece o caráter reflexivo do trabalho, pois revela que a formação docente é um processo contínuo de aprofundamento crítico. A especialização não veio para negar o

que construí na graduação, mas para oferecer ferramentas teóricas que me permitem olhar para a mesma realidade com maior complexidade. O guia permanece válido, mas agora compreendo que sua verdadeira potência só se realizará quando estiver articulado a uma perspectiva de formação humana integral, que enxergue o trabalho como princípio educativo e a tecnologia como espaço de disputa política e ideológica. É nesse sentido que a EPT pode cumprir sua função social mais nobre: não apenas preparar para o mercado, mas formar cidadãos críticos, éticos e aptos a atuar em um mundo digitalizado e em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. D. B. de. **Permanência e Êxito no Ensino Médio Integrado do IFG URUAÇU: orientações para qualificação e acompanhamento de estudantes**. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9380>. Acesso em: 25 fev. 2026.

**Aramari (BA) | Cidades e Estados | IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/aramari.html>. Acesso em: 3 out. 2025.

BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. **Documento Orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Ministério da Educação. Brasília. 2014. Disponível em: [https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/Comissoes\\_Outros/PermanenciaExito/Documento-Orientador-SETEC.pdf](https://avr.ifsp.edu.br/images/pdf/Comissoes_Outros/PermanenciaExito/Documento-Orientador-SETEC.pdf). Acesso em: 27 fev. 2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constitui-cao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitui-cao/constituicao.htm). Acesso: 26 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 25 fev. 2026.

CUNHA, F. I. J. et al. Formação continuada de docentes na Educação Básica: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e10511729383–e10511729383, 15 maio 2022.

da Costa Santos Souza, A. C., & Pinto de Albuquerque Melo, S. (2022). PERMANÊNCIA E ÊXITO ESTUDANTIL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA REDE FEDERAL. *Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente*, 3(2), 1–8. <https://doi.org/10.51189/rema/3413>

DORE, R.; LUSCHER, A. Z. **Permanência e Evasão na Educação Técnica de nível médio em Minas Gerais**. Cadernos de Pesquisa. Outros temas. V. 41, N.144. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/jgRKBkHs5Gr-xxwkNdNNtTfM/?lang-pt&format-pdf>. Acesso em: 20 fev de 2026.

FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E ESTÉTICA MARXISTA. (2024). **Revista Trabalho Necessário**, 22(48), 01-17. <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.61783>

FREITAS, D.; GALVAO, C. **O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores**. Ciênc. Cogn. vol.12 Rio de Janeiro nov. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212007000300021](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300021)> Acesso em: 4 out. 2025.

Frigotto G. Dermeval Saviani y la centralidad ontológica del trabajo en la formación del “hombre nuevo”, artífice de la sociedad socialista. *Interface (Botucatu)*. 2017; 21(62):509-19.

GARIGLIO, José Ângelo; BURNIER, Suzana Lana. **Saberes da docência na educação profissional e tecnológica: um estudo sobre o olhar dos professores**. v. 28, n. 1, p. 211–236, 1 mar. 2012.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S.; DESBIENS, J.-F.; MALO, A. e SIMARD, D. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Trad. Francisco Pereira de Lima. Ijuí: Unijuí, 1998.

KAUFMAN, N. de. O.; SILVEIRA, R. B.; CASSOL, L. M.; SOARES, C. V. V. **Ações**

### **para a Permanência e Êxito Escolar na Educação Profissional e Tecnológica.**

Compartilhando saberes. PROGRAD. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/342/2019/05/Nisiael-de-Oliveira-Kaufman-ACOES-PARA-A-PERMANENCIA-E-EXITO--ESCOLAR-NA-EDUCACAO-PROFISSIONAL--E-TECNOLOGICA-1.pdf>. Acesso em: 25 fev.2026.

MAGALHÃES, M. T.; PORTO, B. S. A formação docente e o processo de construção do ser professor. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 16, n. 38, p. 732–750, 2021. DOI: 10.22169/revint.v16i38.1956. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1956>. Acesso em: 9 abr. 2026.

**Mais Futuro | SEC - Secretaria de Educação.** Disponível em: <https://www.ba.gov.br/educacao/mais-futuro>. Acesso em: 3 out. 2025.

Marcom, J. L. R., & Porto, A. P. T. (2023). O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO COM ÊNFASE À FORMAÇÃO DOCENTE. **Revista De Ciências Humanas**, 24(3), 229-246. <https://doi.org/10.31512/19819250.2023.24.03.229-246>

Marx, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino.** Campinas: SP: Navegando, 2011. (organizador: José Claudinei Lombardi).

MENEZES, Karina Moreira; COUTO, Raqueline de Almeida; SANTOS, Sheila Carine Souza. **Alfabetização, letramento e tecnologias.** Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 52 p. ISBN 9788582921975.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, v. 39, p. 705–720, 1 set. 2013.

PASSEGGI, M. DA C.; SOUZA, E. C. DE; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011.

PECHI, Daniele. **Como usar as redes sociais a favor da aprendizagem | Nova**

**Escola.** 30 set. 2011. Disponível em: <[https://novaescola.org.br/conteudo/240/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos?utm\\_source=adwords&utm\\_medium=ppc&utm\\_network=x&utm\\_campaign=trafeGOPago\\_grants\\_srj&utm\\_content=&utm\\_term=\\_&gad\\_source=1&gad\\_campaignid=22344173677&gbraid=0AAAAADRpNJwMVb70sU7AvDX6OYF\\_rPwH0&gclid=CjwKCAjwi4PHBhA-EiwAnjTHuaUjmC7knGzHGuJGNZMhcqFv4t3HAwxFI5j5kwT1O-cTcqC58vSUSBoCmVIQAvD\\_BwE](https://novaescola.org.br/conteudo/240/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos?utm_source=adwords&utm_medium=ppc&utm_network=x&utm_campaign=trafeGOPago_grants_srj&utm_content=&utm_term=_&gad_source=1&gad_campaignid=22344173677&gbraid=0AAAAADRpNJwMVb70sU7AvDX6OYF_rPwH0&gclid=CjwKCAjwi4PHBhA-EiwAnjTHuaUjmC7knGzHGuJGNZMhcqFv4t3HAwxFI5j5kwT1O-cTcqC58vSUSBoCmVIQAvD_BwE)> Acesso em: 4 out. 2025.

PROEJA: entenda do que se trata esta educação que transforma vidas - Portal do IFSC. 15 jul. 2022. Disponível em: <<https://ifsc.edu.br/post-intercambistas/10767728/proeja-entenda-do-que-se-trata-esta-educacao-que-transforma-vidas>> Acesso em: 4 out. 2025.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. **Ensaio Pedagógico**, v. 2, n. 1, p. 45-53, 12 jul. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14244/enp.v2i1.64>>. Acesso em: 4 out. 2025.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em Ensino de Ciência**, v. 13, n. 3, p. 333-352, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1413-24782007000100012>>. Acesso em: 4 out. 2025.

Secretaria de Educação Básica. Conselho Escolar e o Aproveitamento Significativo do Tempo Pedagógico: Brasília: MEC/SEB, 2004.

SEVERO, R. G. GAUDÊNCIO FRIGOTTO: UM DIÁLOGO SOBRE CONTEXTO POLÍTICO E EDUCACIONAL BRASILEIRO. **Conjectura filosofia e educação**, v. 24, n. 0, p. 1–12, 20 dez. 2019.

SILVA, Carla Kethylle Oliveira. **Guia da rede social Instagram como ferramenta complementar utilizada por docentes no ensino de Biologia durante os anos finais**. Orientador: Queiroz, Magnólia Silva. 2023.29 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade do

Estado da Bahia, Alagoinhas, 2023.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

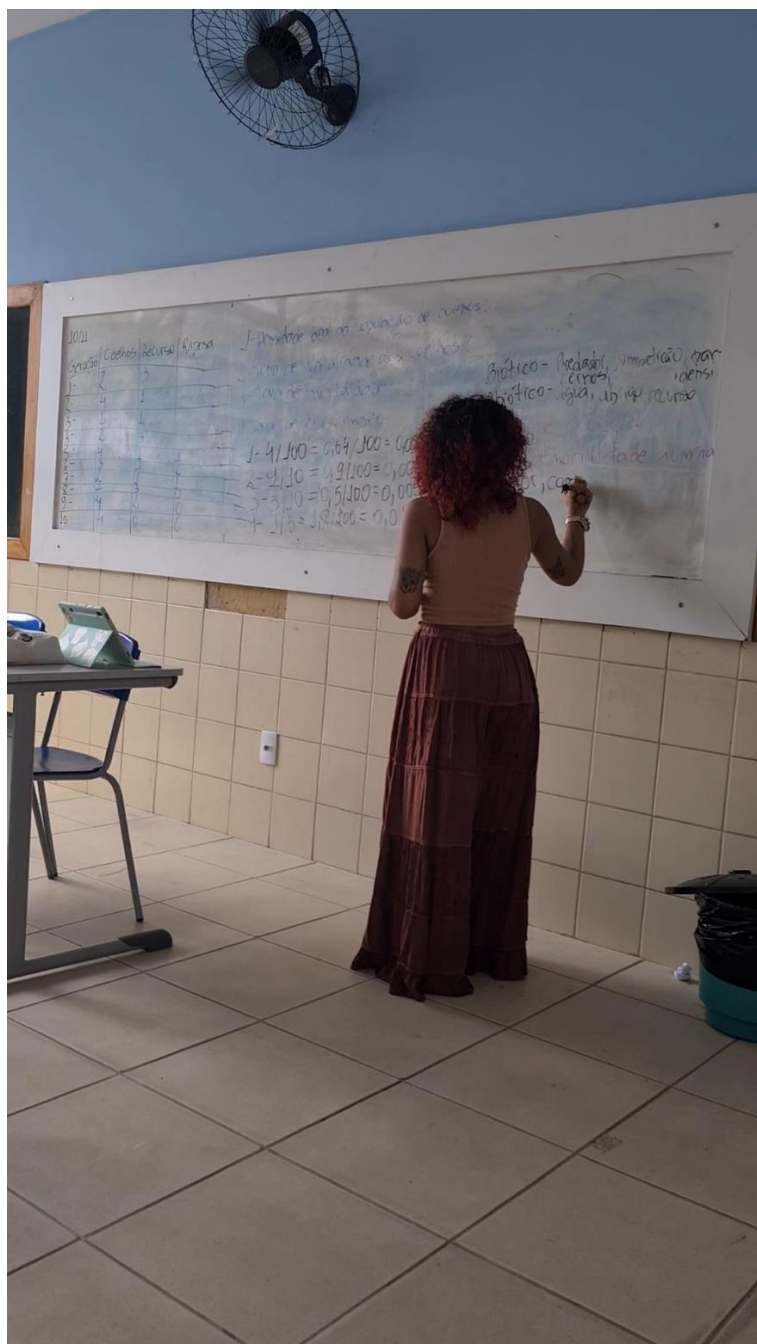
## APÊNDICES

### Apêndice A – Afinidade com a disciplina Ecologia



Elaborado pelo autor (2019)

Apêndice B – Estágio em uma instituição de Ensino Médio Integrado com o Ensino Técnico e Profissionalizante.



Elaborado pelo autor (2023)

Apêndice C – Elaboração e apresentação do TCC da graduação.



Elaborada pelo autor (2023)